

## Dias de pandemia: uma descida ao cotidiano da doença

*In the days of the pandemic: disease and the descent into the ordinary*

Denise Pimenta, Caetano Sordi, Natália Fazzioni e Rodrigo C. Bulamah

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9856>

DOI: 10.4000/pontourbe.9856

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Denise Pimenta, Caetano Sordi, Natália Fazzioni e Rodrigo C. Bulamah, « Dias de pandemia: uma descida ao cotidiano da doença », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 25 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9856> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9856>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Dias de pandemia: uma descida ao cotidiano da doença

*In the days of the pandemic: disease and the descent into the ordinary*

Denise Pimenta, Caetano Sordi, Natália Fazzioni e Rodrigo C. Bulamah

---

Volto rápido.

Eu prometo.

- Monique Batista, 2020

- 1 Em Cuiabá (MT), no dia 14 de julho deste ano, a médica Monique Batista foi intubada por falta de ar. Tinha por volta de 60 por cento dos pulmões comprometidos. Morreu no dia 10 de agosto. No entanto, antes disso, conseguiu deixar mensagens ao noivo sobre os cuidados necessários com a mãe e a irmã. Na contramão das grandes análises conjecturais realizadas pelos mais diversos especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, a simples mensagem enviada pelo aplicativo WhatsApp, quase que enumerando tarefas e atitudes que sua família devia observar durante sua ausência, revela a pandemia da Covid-19 em seu aspecto mais comezinho e ordinário<sup>1</sup>.
- 2 Experiências como as de Monique, vividas por tantas mulheres e tantos homens ao redor do mundo, aqui, dando foco ao Brasil, são quase figurantes no palco das grandes batalhas narrativas ao redor da pandemia dos anos de 2020. Diante da disputa entre a linguagem científica versus negacionismos, “dados científicos” contra “é só uma gripezinha”, e diferentemente do que se podia esperar, não foi o extraordinário evento pandêmico que mais se fez presente. Antes, as velhas e estruturais desigualdades sociais tomaram o protagonismo. O mundo ordinário foi escancarado e, a despeito de enunciações como “vamos sair melhores dessa”, “vamos sair mais solidários” ou ainda as diversas referências ao vírus como uma mazela “democrática”, afetando a todas e todos; o que vimos foi exatamente o contrário, ou seja, uma democracia fraturada, temperada por populismos conservadores, racismos, sexismos e misoginia, homofobia, classismo, capacitismo, gerontofobia, dentre outros.
- 3 Os ruídos dos inúmeros estupro de mulheres e meninas, o genocídio da juventude negra brasileira e estadunidense, a discriminação explícita ou dissimulada contra grupos LGBTI+ e o habitual isolamento vivido pelas pessoas com deficiência se fizeram

notar. Tendo destaque o grande movimento “Vidas Negras Importam”, que transbordou após a morte de George Floyd<sup>2</sup>, unificando agendas políticas distintas, dos direitos de migrantes a questionamentos sobre a branquitude do Estado, encontrando eco em contextos como o Brasil, a República Dominicana e a França. Além disso, na Argentina, fez-se imensa a manifestação pela legalização do aborto, uma luta antiga das feministas pelo direito das mulheres controlarem os próprios corpos e seus direitos reprodutivos. Todas essas violências e lutas – que ganharam renovada atenção durante a pandemia da Covid-19 – nada mais são do que a vida quotidiana de milhares de mulheres e homens. Assim posto, o novo coronavírus nada tem de democrático, ao contrário, revelou o quanto nossa frágil democracia, diante de uma crise sanitária global, expôs ainda mais grupos já vulnerabilizados: mulheres e crianças, negros e pobres.

- 4 Nesse sentido, próximo ao que aponta a literatura recente sobre desastres que questiona o caráter ilusório do que se nomeia como “natural” em inundações, deslizamentos, terremotos e furacões, a crise sanitária gerada pela Covid-19 ganha outros sentidos quando a vemos através de uma perspectiva processual que leve em conta como vulnerabilidades históricas e contextuais são vivenciadas por diferentes sujeitos e a partir de distintos marcadores sociais. Ainda é cedo para dizermos se os estudos sobre a chegada do Sars-Cov-2 no Brasil poderão se encaixar na crescente área de pesquisa sobre desastres, consolidando um campo que ficou relegado a segundo plano até muito recentemente (Taddei, 2019; ver também Zhouri, 2018). O que inspirou nosso convite às autoras aqui reunidas foi exatamente pensar a dimensão cotidiana e ordinária da doença. Com efeito, o peso de vulnerabilidades sociais não foi ignorado por especialistas da área biomédica que publicaram reflexões sobre os impactos da pandemia em revistas especializadas na área. Richard Horton (2020), reconhecido professor da London School of Hygiene and Tropical Medicine e editor-chefe da revista *The Lancet*, apontou recentemente para a obsolescência de termos como *praga* e até mesmo *pandemia* para caracterizar a Covid-19, retomando o conceito de *sindemia* que põe em relevo a indissociabilidade entre o social e o biológico na produção de respostas e políticas de proteção e cuidado comunitário.
- 5 De acordo com o antropólogo Renato Queiroz, tais situações permitem observar elementos importantes da vida sociocultural a partir, por exemplo, da clássica noção de “fato social total”. Como afirma o autor: “ocorrências epidêmicas de tal magnitude terminam por expor as vísceras das sociedades em que se manifestam (...) não seria exagero concluir que tudo se passa como se, frente a fenômenos como esses, o grupo social impactado se visse obrigado a olhar-se diretamente no espelho” (Queiroz, 2004, pp. 66-67).
- 6 Numa intenção de forçar a mirada ao espelho, inspirados por uma proposta horizontal de produção do conhecimento, tendo a antropóloga indiana Veena Das (2020) como forte influência na busca por uma antropologia que privilegia a “descida ao cotidiano”, entendemos que a análise das práticas ordinárias afetadas pela pandemia se tornam imprescindíveis neste momento em nossa reflexão acadêmica. Intentamos explorar como nosso cotidiano foi atingido, enfocando principalmente as transformações das redes domésticas (e também médicas) de cuidado; nas mudanças na circulação das cidades, buscando entender novas dinâmicas da vivência nos espaços públicos e privados; nos voltamos também para a compreensão de como as práticas familiares e rituais têm sido afetadas e reformuladas. Ademais, pensando junto com o antropólogo

haitiano Michel-Rolph Trouillot (2020), há algo de ambíguo no ordinário que o faz ao mesmo tempo parte da vida cotidiana, mas que lhe confere também um caráter banal, não fosse um conjunto de engrenagens políticas e sociais que trazem à tona violências estruturais e históricas.

- 7 Não por acaso, neste dossiê buscamos privilegiar perspectivas femininas, sabendo que o peso da pandemia se fez sentir de modo mais evidente entre as mulheres, como mostram as mais diferentes estatísticas: de índices de produtividade acadêmica a arranjos domésticos de cuidado. Com um amplo espectro regional, indo de norte a sul do Brasil e passando pela Argentina, os artigos e ensaios aqui reunidos refletem sobre como os cotidianos de violências, afetos, cuidados, vida e morte surgem a partir do evento que é a pandemia da Covid-19, e como, nos diferentes estágios da pandemia e em sua interação com marcadores sociais, também se orchestra a própria produção dos sentidos sobre a doença e sobre o ordinário. São nesses cenários que o cotidiano emerge de dentro do extraordinário. Para o filósofo Walter Benjamin (1994), trata-se do momento em que o ordinário e o extraordinário se amalgamam, podendo revelar um cotidiano extraordinário e um extraordinário cotidiano, algo que se revela no clichê: “o novo normal”.

8 \*

- 9 Para fins de organização do dossiê e pensando em temáticas próximas, mas que não se limitam a isso, dividimos os textos em dois grandes blocos: **Etnografias do cotidiano pandêmico** e **Tecnopolíticas, fármacos e metáforas**. No primeiro, encontramos a experiência da pandemia a partir de contextos e populações específicas. Com artigos fundamentados em trabalhos etnográficos de pesquisadoras espalhadas pelo Brasil, desvelam-se elementos centrais despertados a partir de suas vivências e percepções sobre a pandemia. A experiência de contato anterior com esses grupos sociais garante às antropólogas uma densidade histórica essencial na compreensão desses processos. Estão nesse bloco os textos de: Fabiane Vinente, Tiago Lemões, Flávia Medeiros e Priscila dos Anjos, Eugenia Brage, Vera Rodrigues e Mona Lisa da Silva. Já no segundo bloco, outros quatro textos apresentam uma reflexão mais centrada nos processos técnico-políticos e na produção de narrativas sobre a doença. Não se trata, contudo, de uma reflexão complementar ou apartada das experiências sociais sobre a doença, mas pelo contrário, revelam como tais processos são denominadores fundamentais no cotidiano da doença e, sobretudo, eminentemente sociais. Nesse segundo bloco, encontram-se os textos de: Andrea Mastrangelo, Rosenilton Oliveira, Flora Gonçalves e Túlio Maia Franco.

- 10 No bloco **Etnografias do cotidiano pandêmico**, Fabiane Vinente dos Santos abre o dossiê com o artigo "Mulheres indígenas contra o vírus: notas antropológicas sobre políticas públicas de saúde e os impactos do Covid-19 entre os povos indígenas em contexto urbano em Manaus, Brasil". Debruçando-se sobre a cidade de Manaus e sua infraestrutura de saúde, a autora complexifica os relatos sobre a chegada da Covid-19 entre povos indígenas ao mostrar como os indígenas em contexto urbano sofreram com o avanço da doença ao mesmo tempo em que eram invisibilizados pelas estatísticas. Partindo de pesquisas anteriores somadas a ferramentas alternativas de investigação no contexto da recente pandemia, a autora nos mostra que foi através do esforço em contornar formas diversas de violência estrutural que mulheres indígenas assumiram um protagonismo político na construção de novas estratégias de direito à cidade e a formas de reconhecimento.

- 11 A partir de uma aproximação entre história e antropologia, Tiago Lemões examina no artigo "*Mantras venenosos: a brutalidade das palavras sobre as vidas em situação de rua no Brasil*" as práticas e discursos que têm conformado as relações entre grupos dirigentes, Estado, políticas públicas e população de rua no Brasil desde o século XIX, com foco etnográfico sobre as cidades de Porto Alegre e Pelotas. Para tanto, vale-se da noção de "mantras venenosos", que desenvolve sob inspiração da crítica pós-colonial e, mais precisamente, do pensamento do filósofo camaronês Achille Mbembe (2014). Seu artigo mostra como estes discursos – "mantras", porque repetidos à exaustão pelos poderes estatais e midiáticos, e "venenosos", porque perversos e produtores de iniquidades – são ora atualizados, à luz das formas de gestão do espaço público erigidas para o combate à pandemia. Assim, longe de garantir os direitos à saúde e proteção social destes sujeitos, Lemões demonstra como os dispositivos de controle da Covid-19 também acabam por reiterar a vulnerabilidade e a estigmatização das populações em situação de rua no sul do país.
- 12 Em uma perspectiva analítica similar e também trabalhando no sul do Brasil, o texto "*Doença, violências e racismo: a pandemia do novo coronavírus em Florianópolis/SC*" de Flávia Medeiros e Priscila dos Anjos descreve os primeiros meses da pandemia na cidade de Florianópolis (SC), alternando entre aspectos mais gerais da atuação do poder público e do impacto da doença nos moradores da cidade e sua região metropolitana, mais especificamente a partir de interlocutoras da zona do Maciço da Morro da Cruz, localizada no centro da cidade e com maior concentração de população autodeclarada negra na região. As autoras articulam de que forma essas e outras medidas vão se estruturando de forma a invisibilizar a presença e as necessidades dessa população ao longo do período de isolamento social. No ápice desse processo, a violência policial e a Covid-19 conjugam-se como ameaças combinadas à vida da população negra, explicitando as dificuldades da luta por direitos e de políticas antirracistas em uma cidade conhecida por ser, simultaneamente, aquela com um dos maiores índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e a capital com a maior população autodeclarada branca no país.
- 13 "[N]a contramão de um mundo parado há um mundo que se movimenta em plena pandemia...". É neste tom provocativo e reflexivo que se apresenta o artigo "*O cotidiano da Covid-19 no olhar de mulheres negras cearenses*" de Vera Rodrigues e Mona Lisa da Silva. Através de um articulado entrelaçamento entre texto, mapas e depoimentos de suas interlocutoras, cursistas do projeto de extensão "Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras", as autoras demonstram que o território mais atingido pela pandemia é o periférico e que o grupo mais afetado é o da população negra, principalmente, as mulheres negras responsáveis pelo trabalho do cuidado. Interessante notar que o artigo de Rodrigues e Silva traz para além de uma colaboração teórico-epistemológica de autoria negra, também nos coloca a form(ação) teórico-política de mulheres negras como ferramenta inclusive para lidar com as questões de racialização e desigualdade social durante a pandemia, visto que o curso de extensão ministrado não foi cessado com a Covid-19, apenas realocado para o espaço virtual (aulas e discussões remotas), o que foi, antes de tudo, uma forma de agir politicamente junto a estas mulheres cearenses negras que tanto foram afetadas pelo novo vírus e suas consequências.
- 14 Encerrando o primeiro bloco, o artigo: "*Espera e imobilidade: agenciamentos cotidianos no espaço pandêmico transnacional*" de Eugenia Brage, mobiliza as categorias de espera

e imobilidade para pensar nas trajetórias de imigrantes bolivianas moradoras do bairro do Bom Retiro, durante a pandemia, na cidade de São Paulo. Apresentando resultados de um trabalho etnográfico que acompanha os itinerários dessas mulheres a partir de um serviço de saúde local, o texto revela a existência de uma certa estruturação da vida dessas mulheres no Brasil. Por estarem assentadas no país há um tempo considerável, falam bem o português, conhecem a burocracia estatal e assim transitam pelos equipamentos públicos e acessam serviços públicos de saúde, educação e assistência. Devido a este trânsito, acabam atuando muitas vezes como uma base de apoio para os que estão recém-chegados. Ainda assim, a pandemia revela e aprofunda situações de precariedade que enfrentam em seu processo de sobrevivência na cidade e tensionam, em muitos casos, o desejo ou a necessidade de retorno ao seu país de origem. Tal processo distingue-se, justamente, pelos movimentos de espera e imobilidade, onde a mobilidade se concretiza ou não por meio de elementos não apenas individuais, mas resultante de uma série de ações envolvendo pessoas de dentro e de fora de suas comunidades, revelando uma rede em que o “saber-fazer imigrante”, como aponta a autora, desdobra-se em um “espaço pandêmico transnacional”.

- 15 Na dianteira do bloco **Tecnopolíticas, fármacos e metáforas**, Flora Rodrigues Gonçalves, segue as tramas da controvérsia sociotécnica que colocou o antimalárico cloroquina (e hidroxicloroquina) no centro, não só da discussão biomédica no Brasil, mas também da política populista, qual seja, o bolsonarismo. No artigo “A medicalização da política: a vida social da cloroquina e seus demais agenciamentos”, a autora analisa as inúmeras disputas ao redor deste fármaco, sublinhando suas agências clínicas e políticas. Gonçalves, além de analisar a cloroquina a partir do cotidiano, reflete sobre a história do princípio ativo do remédio, apontando a faceta colonialista da manufatura do medicamento, que foi testado em doentes psiquiátricos quando de sua elaboração. Sem dúvida, em um texto instigante, que tem como epígrafe a própria fórmula molecular da cloroquina, esta, muito longe de um papel coadjuvante, aparece como uma das personagens principais da produção social da pandemia da Covid-19.
- 16 Trazendo um olhar sobre a realidade de um país vizinho, o artigo "Perspectivas socioantropológicas para el estudio local de la pandemia COVID-19 en Argentina" de Andrea Mastrangelo discute a emergência e as consequências sociais da Covid-19 na Argentina a partir do conceito maussiano de “fato social total”, próximo ao que argumenta Queiroz (2004). Não obstante, a autora enfoca o papel das redes técnico-científicas (universidades, órgãos governamentais, laboratórios, agências de fomento públicas e privadas, etc.) na visibilização e invisibilização de determinadas enfermidades, ressaltando os fatores sistêmicos que conduzem à necessidade de se encarar a saúde pública como um bem comum. Além disso, o texto de Mastrangelo desperta interesse devido ao contraste entre as políticas de combate à pandemia efetuadas no Brasil e na Argentina no primeiro semestre de 2020. Embora os dois governos tenham tomado atitudes muito distintas de enfrentamento ao vírus, a autora nos recorda que as contradições do neoliberalismo sanitário se fazem sentir tanto lá, como cá, ainda que em ritmos e formas diferentes.
- 17 Tratando de políticas e discursos sobre a doença, no artigo "COVID-19 e suas metáforas", Túlio Maia Franco discute a maneira como o Sars-Cov-2 mobiliza um espectro metafórico que tem diferentes efeitos políticos no mundo. Tomando a metáfora como efetivação de práticas, o autor expõe dois conjuntos de sentido: de um lado, o universo das guerras e as noções de inimigo, culpa e inocência e, de outro, a

dinâmica pastoral da imunidade de rebanho e a conseqüente naturalização da doença e da morte. A partir disso, Franco nos mostra de que modo as metáforas encobrem os diferentes efeitos da doença e suas articulações com formas estruturais de exclusão. Nesse ponto, discute o autor, o vírus coloca em movimento engrenagens sociais que, ao mesmo tempo, o fazem circular em meio a indeterminações diversas, impactando de modo distinto os diferentes setores da sociedade brasileira.

- 18 O artigo de Rosenilton Silva de Oliveira – “‘Ao entardecer daquele dia’, ele saiu à praça para rezar: a prece católica em tempos de distanciamento social” - traz uma análise sensível sobre a fé católica e as medidas de prevenção e isolamento social que foram defendidas pela Santa Sé. Para tanto, o texto segue a emblemática e popular figura do Papa Francisco quando, no dia 27 de março deste ano de 2020, sozinho, rezou na praça de São Pedro, no Vaticano. As imagens percorreram o mundo, tocando muitos fiéis, fortalecendo ainda mais a figura de simplicidade e bondade do Papa, mas também serviram para reforçar a concordância da Igreja Católica com a Ciência e suas medidas sanitárias na resposta à pandemia de Covid-19. O que, como demonstra Oliveira, foi de encontro a movimentos de religiosos que pediam a volta de cultos, missas, celebrações e rituais das mais diversas religiões. Aumentou-se a presença de Francisco nas variadas mídias e redes sociais do Vaticano, coadunando completamente com as medidas científicas, distanciando-se de qualquer negacionismo que por ventura tenha atravessado muitos dos próprios crentes católicos. Numa imagem de prece, vazios e silêncios, o Papa reforça sua imagem de pessoa simples, atenta aos saberes da Ciência a tal ponto que é possível dizer que a atitude de Francisco representa a própria descida da Igreja Católica ao cotidiano.
- 19 Por fim, fechamos o dossiê com uma entrevista com Frédéric Keck, conduzida à distância ao longo desses meses de confinamento. Importante expoente da contemporânea antropologia da biossegurança, Keck nos fala sobre sua trajetória acadêmica, seus trânsitos entre o molecular e o geopolítico e as articulações que seu trabalho propõe entre uma antropologia das técnicas e a virada ontológica. Entre outros temas, o autor discute diferentes formas de engajamento com vírus e animais-sentinela, aproximando caçadores indígenas da Amazônia a caçadores de vírus da Ásia Oriental. Ao falar sobre a recente pandemia do coronavírus, Keck reflete sobre formas de prevenção, precaução e preparação e as diferentes concepções sobre o uso de máscaras em espaços públicos ao redor do globo. Mostrando como seu trabalho aponta para modos de estar no mundo carregados de esperança moral e cuidado ecológico, terminamos a conversa com um apontamento sobre as relações entre previsões laboratoriais e técnicas de divinação.
- 20 Os textos aqui reunidos encaram a pandemia em diversas frentes, mostrando de que modo diferentes agentes produzem a doença à medida em que ela ganha novos terrenos. Por estarmos ainda em meio à pandemia (ou sindemia), nosso olhar se volta frequentemente a urgências e incorre em riscos que a falta de uma perspectiva histórica e de um distanciamento podem provocar, criando análises que muitas vezes perdem validade em pouco tempo. Porém, a urgência também tem a potencialidade de encarar processos sociais complexos a partir de um olhar sobre sua elaboração. Isso tem paralelos históricos importantes, como nos revela Bruno Latour ao discutir as interações entre política, saúde pública, germes e técnicas nos laboratórios de Louis Pasteur, na França do final do século XIX: “se qualquer coisa pode causar uma enfermidade, nada pode ser ignorado; é necessário estar apto a agir de uma vez só

contra tudo e em todos os lugares” (Latour, 1988, p. 20, tradução nossa). É como se estivéssemos no olho do furacão, observando de que modo um excesso difuso de conhecimento – ou o que tem sido chamado de infodemia – e não a ignorância ou a falta de informações incide diretamente nos sentidos da enfermidade. Os textos aqui reunidos mostram a importância da etnografia na compreensão dessa multiplicidade de cotidianos da doença.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAS, Veena. *Vida e Palavras: A violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
- HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*, v. 396, n. 10255, p. 874, 26 set. 2020.
- LATOUR, B. *The pasteurization of France*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- QUEIROZ, Renato da Silva. As epidemias como fenômenos sociais totais: o surto de gripe espanhola em São Paulo (1918). *Revista USP*, São Paulo, n. 63, p. 64-73, set./nov. 2004.
- TADDEI, R. The field of Anthropology of Disasters in Brazil: challenges and perspectives. In: GARCÍA-ACOSTA, V. (Ed.). *The Anthropology of Disasters in Latin America: State of the Art*. London; New York: Routledge, 2019. p. 45-62.
- TROUILLOT, M.-R. O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 17, pp. 1-8, tradução de Bethânia Pereira, 2020.
- ZHOURI, A. (Ed.). *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Marabá: Editorial iGuana; ABA, 2018.

## NOTAS

1. Vinícius Lemos, "'Volto rápido' e 'tô apavorado': as últimas mensagens de vítimas da covid-19", *BBC News Brasil*, 9 de outubro de 2020. Consultado em 9 de dezembro de 2020, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54393334>.
2. George Perry Floyd Jr. foi um afro-americano assassinado em Minneapolis no dia 25 de maio de 2020, estrangulado por um policial branco que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem, por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado.



---

## AUTORES

### DENISE PIMENTA

Doutora em Antropologia Social - Universidade de São Paulo  
Pesquisadora do Cidacs - Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde, Fiocruz/BA  
São Paulo, São Paulo, Brasil  
E-mail: pimentacampo@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7286-9424>

### CAETANO SORDI

Doutor em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
Vinculado à pesquisa: "A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento" (Convênio Ref.: 0464/20 FINEP/UFRGS)  
E-mail: caetano.sordi@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-8096>

### NATÁLIA FAZZIONI

Doutora em Antropologia Cultural - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Realiza estágio pós-doutoral vinculada ao Laboratório de Comunicação e Saúde e ao Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/Fiocruz)  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
E-mail: nataliafazzioni@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1497-9737>

### RODRIGO C. BULAMAH

Doutor em Antropologia Social e Etnologia - Universidade Estadual de Campinas e École des Hautes Études en Sciences Sociales  
Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil  
Vinculado à pesquisa "Paisagens de carbono: afetos, energia e materialidades no Caribe". - FAPESP - Processo n. 2019/04170-4  
E-mail: rodrigobulamah@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4734-7672>